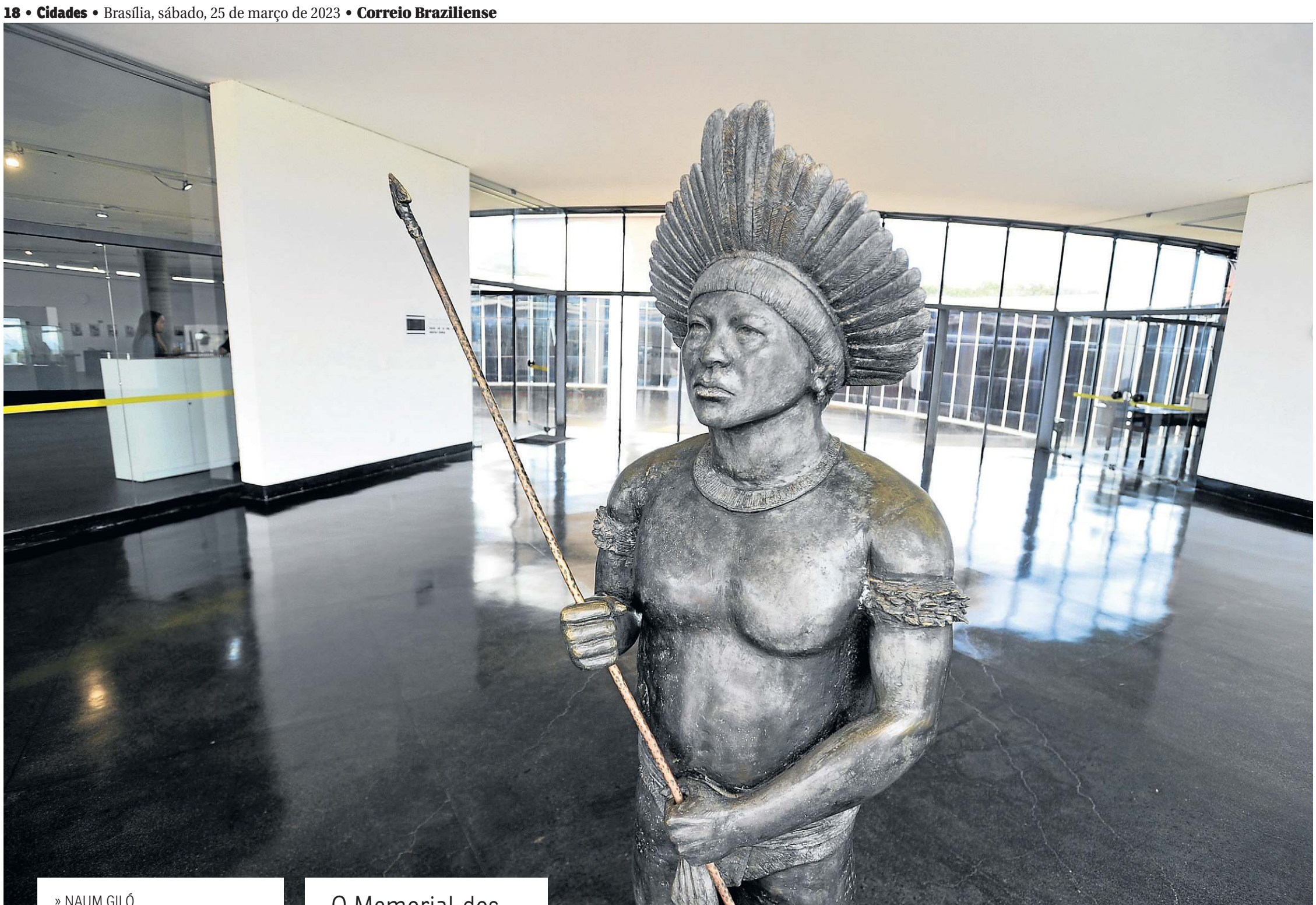
Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Memória indígena na capital

» NAUM GILÓ

O Memorial dos Povos Indígenas é o espaço onde podemos conhecer mais sobre os primeiros habitantes do Brasil e a preservação patrimonial

A história dos povos indígenas ainda é muito pouco conhecida pela sociedade, resultado de um projeto histórico de apagamento do legado e das contribuições que esses grupos deram para a formação do Brasil. O Memorial dos Povos Indígenas (MPI), fundado em 1999, com sede em edifício tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e projetado por Oscar Niemeyer, é o espaço ideal para o entendimento mais amplo da diversidade desses grupos que estão aqui milhares de anos antes da chegada dos europeus.

O memorial reúne, em seu acervo, 3 mil peças doadas pelo antropólogo Darcy Ribeiro e pela esposa dele, Berta Ribeiro, também antropóloga. O local guarda, ainda, 8 mil peças apreendidas pela Polícia Federal. "Antigamente, alguns funcionários da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) vendiam ilegalmente peças indígenas de alto valor adquiridas pelo órgão para o exterior", explica David Terena, atual gerente do memorial.

Terena conta que o MPI promove o intercâmbio, ressalta a abundância de expressões, divulga o patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, é um monumento importante para divulgar a riqueza cultural dos povos indígenas. "A instituição também serve como referência na formação de opinião e de pesquisa sobre esses povos, carregando mensagens visuais repletas de significados culturais. É um lugar de aprendizagem tanto para estudantes como professores."

Aquiles Alencar Brayner, subsecretário de patrimônio cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), destaca que é feito um levantamento antropológico das peças que chegam ao memorial, para que sejam expostas de maneira adequada, respeitando os simbolismos e significados dos objetos para as diferentes etnias. Brayner também salienta que a instituição dispõe de espaço para trabalhos de outros artistas, sempre voltados para a temática indígena.

A educação patrimonial é outro aspecto de relevância do trabalho desempenhado pelo MPI. "Fazemos o diálogo com a Secretaria de Educação para que haja incentivo às visitas de estudantes do ensino básico ao local. A educação patrimonial, no memorial, é pensar na cultura indígena como de todos nós, como nossa identidade", sustenta o subsecretário, que frisa o cuidado sanitário com indumentárias, artefatos, joias e demais objetos do acervo. "As peças ficam de quarentena, para que seja feita higienização e, depois, a seleção daquelas que podem ser incorporadas ao acervo. A proliferação de fungos pode comprometer todo o trabalho feito até aqui", teme.

"A nossa capital é do Brasil e o memorial representa isso: a missão de discutir a arte, a cultura e a situação atual dos povos indígenas do país, para, então, pensar em políticas públicas direcionadas a eles", conclui. O Memorial dos Povos Indígenas, localizado no Eixo Monumental, próximo ao Palácio do Buriti, é aberto ao público de terça-feira a domingo e nos feriados, das 9h às 17h. Dúvidas e solicitações de visita guiada podem ser feitas pelos números 3344-1155 e 3344-1154.

Visitantes

São, em média, 300 visitantes por semana. Pela primeira vez na cidade, Yago Pereira, 29, veio de Pindamonhangaba (SP) para Brasília tirar um visto para viajar para o México e aproveitou o momento para conhecer o Memorial dos Povos Indígenas. Ele destaca a importância de mostrar tanto para quem é de fora quanto para quem é brasileiro a história dos povos originários. "Para mim é novo, mas é muito interessante. A gente, que é do interior, tem menos acesso a essas coisas. A gente vê por televisão, por livro, mas não sabemos como realmente é. É satisfatório conhecer essa cultura, que é nossa", diz o metalúrgico.

Maurina Lourenço Sena, 74, é ialorixá de um terreiro de Atibaia (SP) e está a passeio na capital. Ela enfatiza que as religiões de matriz africana incorporam vários elementos das culturas originárias, como é o caso dos caboclos, entidades indígenas, o que evidencia a complexidade da identidade cultural do Brasil. Durante o passeio pelo memorial, local que visita pela primeira vez, ela destaca a importância de conhecer mais sobre as centenas de culturas que já estavam aqui antes da chegada dos colonizadores. "São objetos que me chamam a atenção e são importantes porque contam a história dos muitos povos que vivem no Brasil, cada um diferente do outro", observa.

Walter de Odé Nitá, 70, também se encantou com o espaço. "O memorial conta a história viva dos povos originários desta terra e cabe a nós preservar e motivar os mais jovens a virem conhecer a nossa verdadeira história, pois eles são a nossa origem, os nossos ancestrais", frisa. O babalorixá é diretor do Instituto de Tradição das Culturas Afro-brasileiras e Ameríndias. "Além dos africanos, precisamos sentir e reconhecer que os indígenas também fazem parte da nossa identidade."



Maurina Lourenço e Walter de Odé se debruçam sobre a história dos primeiros ocupantes do nosso território



O memorial dos povos originários possui 3 mil peças

Yago Pereira, de São Paulo, aproveitou para conhecer o local

De Osar Niemeyer, o museu tem a forma de oca